

ESTUDOS DE FILOSOFIA MEDIEVAL EM PORTUGAL E NO BRASIL

Tendências e desiderata

José Francisco Meirinhos*

SÍNTESE – Este relato procura expor o desenvolvimento das pesquisas em filosofia medieval em Portugal e no Brasil. O autor oferece uma visão das principais instituições que promovem os estudos em filosofia medieval em ambos os países, bem como das oportunidades e expectativas para o futuro que os estudos do pensamento medieval têm naqueles contextos. Ele nos dá informação, em perspectiva histórica, de alguns dos principais eventos nos últimos anos e dos diferentes grupos em Portugal e no Brasil que investigam aquele período da história da filosofia.

PALAVRAS-CHAVE – Filosofia medieval em Portugal e no Brasil. Instituições de pesquisa e grupos de filosofia medieval. Tendências das pesquisas de filosofia medieval.

ABSTRACT – This report seeks to expose the development of medieval philosophy researches in Portugal and Brazil. The author gives an account of the main institutions which promote the studies in medieval philosophy in both countries, as well as of the opportunities and expectations for the future that medieval studies have in those contexts. He gives us information in historical perspective of some of the major events in the last past years and of the different groups in Portugal and Brazil which investigate that period of history of philosophy.

KEY WORDS – Medieval philosophy in Portugal and Brazil. Research institutions and groups of medieval philosophy. Tendencies of medieval philosophy researches.

Nos anos mais recentes, assiste-se a um crescendo de interesse pela filosofia medieval, não tanto por razões de simples curiosidade histórica, mas sobretudo devido a novas orientações de pesquisa que tornaram possível uma revalorização da originalidade e complexidade do pensamento filosófico durante aquele período. Os estudos mais recentes publicados no Brasil e em Portugal, bem como o aparecimento nestes países de instituições especializadas e de projetos de investigação neste âmbito da filosofia, são a expressão mais clara de um dinamismo inesperado, ainda pouco conhecido mesmo entre os especialistas de áreas afins. Por esta razão, julgamos que vale a pena refletir sobre problemas e expectativas que, ainda que não deixem de se fazer sentir em outras áreas, podem ser destacados e quer-se aqui que sejam destacados nesta área de estudos. Assim, seria desejável que

* Faculdade de Letras – Porto, Portugal.

este texto pudesse contribuir para reunir interesses comuns e fazer arrancar alguns projetos de investigação.

Ele está dividido em três partes. Na primeira, faz-se uma brevíssima caracterização da filosofia medieval como área de estudos. Na segunda, descreve-se o estado da investigação e do ensino da filosofia medieval em Portugal e no Brasil, fazendo-se um sumário levantamento dos trabalhos realizados e em curso no tocante àqueles dois âmbitos.¹ Na terceira, sugerem-se alguns projetos cuja concretização seria facilitada, caso fossem desenvolvidos no espaço dos países de língua portuguesa. Porém, convém ter presente que a enumeração de alguns projetos, cuja realização é desejada por muitos no espaço dos países de língua portuguesa, pretende contribuir também para o lançamento de programas de pesquisa, ensino e divulgação numa perspectiva multidisciplinar e transnacional que englobem participantes dos diversos países de fala portuguesa.

1 A filosofia medieval como área de estudos. Breve descrição de alguns problemas e do estado da investigação

Tal como outras disciplinas das ciências sociais e humanas, também a História da Filosofia Medieval se debate com uma série de questões epistemológicas em torno da delimitação do seu campo de estudos, da identificação de metodologias de pesquisa e da sua pertinência social e científica. A abordagem breve de alguns tópicos permitirá caracterizar a sua riqueza e importância para um melhor conhecimento do pensamento e da matriz cultural do Ocidente.

1.1 *O que é a filosofia medieval como área de estudos*

Não é tarefa fácil descrever, com brevidade, os problemas referentes à delimitação cronológica ou temática do que se entende por filosofia medieval. Desde logo todos os limites cronológicos se apresentam como artificiais. De 476 a 1453? De Boécio a Nicolau de Cusa? De Agostinho a Lutero? Também a delimitação institucional (mosteiro, universidade, corte) é reconhecidamente insuficiente. Ademais, é redutor e inadequado confinar a filosofia medieval ao espaço da cultura latina, porquanto a própria Europa medieval é, no que diz respeito às línguas cultas e científicas, simultaneamente latina, árabe, hebraica e grega. Pela mesma razão, é errado confinar a filosofia medieval à filosofia cristã, porquanto a filosofia foi desenvolvida também no espaço das restantes religiões monoteístas mediterrânicas. Na Europa, coincidem durante a Idade Média, em constante diálogo cultural e, paradoxalmente, em confronto militar e político, estas quatro tradições geoculturais – cada uma delas, aliás, animada também por dissensões e debates internos. Nunca se terá insistido com suficiente veemência que a matriz da cultura

¹ No que se refere ao Brasil, usei como fonte os Boletins Informativos (n. 4 – maio de 2000) da Comissão Brasileira de Filosofia Medieval, difundidos via e-mail pelo Prof. João Lupi.

ocidental de tradição cristã resulta diretamente da assimilação e apropriação, realizada sobretudo ao longo dos séculos finais da Idade Média, da cultura e ciência árabe, bem como hebraica e bizantina.

1.2 *Como e por que ler hoje a filosofia medieval*

É um erro esbater esta pluralidade e complexidade intrínsecas do pensamento medieval. Como disse A. de Libera, “filosoficamente, o mundo medieval não tem centro”, mas é multicentrado e não pode ser simplesmente reduzido à história da filosofia cristã. É daí, pois, que se faz o apelo a uma história plural e laica, sem privilegiar esta ou aquela forma ideal de filosofia. Este é talvez um dos erros mais salientes que a historiografia filosófica medieval cometeu desde a sua constituição no séc. XIX, ora comprometendo-se aqui e ali com os interesses da Igreja (a qual viu a certas alturas no “regresso aos pensadores da Idade Média, sobretudo a Tomás de Aquino, uma forma de resistência a correntes contemporâneas de pensamento”), ora pretendendo mostrar, a partir do próprio fluxo da história, a pretensa especificidade da filosofia medieval como *philosophia perennis*.

O que marca atualmente o estudo da filosofia medieval é um desinvestimento nestas polémicas ideológicas e um “regresso ao estudo das fontes”, isto é, aos próprios autores, inseridos no seu tempo. Cabe lembrar que são medievais alguns dos mais importantes pensadores da história da humanidade, como o judeu Maimônides, os árabes Avicena e Averróis, os cristãos S. Boaventura, S. Tomás de Aquino, Duns Escoto e Ockham.

Mesmo assim, deve-se notar que há duas grandes orientações no estudo da filosofia medieval (que aliás coincidem com a magna separação das praxes filosóficas europeia-continental e anglo-saxônica). Ora, estuda-se a filosofia medieval como parte integrante dos debates da filosofia contemporânea (o que em certos casos obriga a descontextualizar aquela), ora estuda-se-a para compreendê-la em si mesma, bem como para compreender a gênese do pensamento que a sucede (o que, em muitos casos, obriga a absolutizar as posições encontradas na filosofia medieval). Em qualquer um dos casos, faz-se notória a importância do estudo direto dos próprios autores e das questões que estes investigam.

1.3 *Complexidade do campo e especificidade da pesquisa*

Mas, a preocupação do regresso aos textos exige a disponibilidade de acesso aos próprios textos medievais, os quais, na sua maior parte, ainda permanecem inéditos ou mal editados, tendo sido, ademais, apenas em poucos casos traduzidos. Daí que, em boa medida, o trabalho de investigação em história da filosofia medieval exige do especialista competências que lhe permitam ler os manuscritos, editar criticamente os textos e interpretar o pensamento neles expresso.

A complexidade do campo de estudos tende a transformá-lo numa reserva de erudição. De fato, o historiador da filosofia medieval vê-se, pela vastidão de

lacunas que ainda tem de suprir, obrigado a recorrer a diversas outras ciências auxiliares, tais como a codicologia, a paleografia, a lingüística, a filologia, a história e mesmo a sociologia, sem deixar de lembrar a indispensável informática, tão útil em estudos que lidam com tão grandes quantidades de dados textuais.

Temos aqui um campo de estudos que será difícil esgotar nos próximos anos, porquanto os textos de filosofia medieval continuam a apresentar-se como um oceano pouco explorado. A barreira da língua é um primeiro dissuasor para a aproximação a este período histórico (daí a importância das traduções, da qual se falará mais abaixo), mas os modelos de formação atualmente oferecidos aos estudantes, sobretudo no nível de pós-graduação, permitem ultrapassar eventuais lacunas.

1.4 *Pluralismo temático e de posições doutriniais*

Um aspecto do pensamento medieval que atrai sobre ele novos olhares é a pluralidade de tendências doutrinárias que o caracterizam (agostinianos, avicênianos, averroístas, peripatéticos, tomistas, nominalistas, escotistas, etc.), embora esta pluralidade seja muitas vezes mascarada pela aparente sintonia religiosa dos autores. Marcados por intermináveis dissensões e debates filosóficos, os autores medievais produziram sofisticadas formas de pensamento, cuja originalidade nos é por vezes difícil entrever com clareza. Muitas vezes, esta originalidade tem sido redescoberta somente na medida em que o pensamento contemporâneo vai explorando novos campos do saber filosófico, que por sua vez tornam depois possível a reavaliação do pensamento medieval. É o que ocorre nas áreas mais pujantes do pensamento contemporâneo, como a lógica, a filosofia da linguagem, a filosofia da mente e da consciência e a filosofia social. Os teóricos destas áreas encontram e recorrem com surpresa aos autores medievais, no sentido de que estes já se haviam confrontado com problemas de mesmo ordem.

2 Os estudos de filosofia medieval em Portugal e no Brasil: ensino e investigação

Em Portugal e no Brasil, o estudo da filosofia medieval está praticamente confinado a cadeiras existentes nas licenciaturas dos cursos de graduação em filosofia (abaixo falarei das pós-graduações). O seu interesse mediático é próximo a zero, e, além de um ou outro curso de teologia, não existe qualquer outro curso de graduação em que a filosofia medieval seja lecionada, o que reduz drasticamente o seu campo de difusão e de desenvolvimento de estudos. Por isso, não é de estranhar que, tradicionalmente, seja somente o respectivo professor aquele que realiza investigações nesta área, investigações estas que o mesmo quase nunca tem oportunidade de fazer repercutir de modo aprofundado nas aulas, dado o caráter genérico e introdutório que a disciplina possui. Mesmo assim, a simples existência da cadeira torna necessária a preparação de materiais de estudo e leitura para os alunos, dado o seu habitual desconhecimento da língua latina, na qual se expri-

mem os autores medievais ocidentais. Podemos dizer que, durante muito tempo, este foi quase o único motivo pelo qual alguns editores arriscavam publicar estudos e traduções, de tal modo que até há cerca de quinze anos eram raras e muito esporádicas as publicações acerca da filosofia medieval. A situação muda drasticamente não só com o crescimento do número de alunos no ensino superior verificado nos últimos anos, como também em consequência do aparecimento de pós-graduações em filosofia medieval.

Em Portugal funciona, desde 1985, um Mestrado em Filosofia Medieval na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o único em Portugal dedicado a um período específico do pensamento filosófico. O seu funcionamento está associado à completa renovação desta área de estudos no país. Isso se dá, de início, porque este Mestrado tem funcionado ininterruptamente, tendo por isso formado um ativo grupo de investigadores, boa parte dos quais realiza estudos de doutoramento. Além disso, este programa tem encaminhado alguns dos seus alunos para o Diplôme Européen d'Études Médiévales. Paralelo a este Mestrado atua o Gabinete de Filosofia Medieval da Universidade do Porto, que por sua vez edita, há dez anos, a única revista portuguesa dedicada exclusivamente à filosofia medieval, a saber, a *Mediaevalia, textos e estudos*.

No âmbito do Programa de Pós-Graduação de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica-RS (Porto Alegre), funciona uma pós-graduação em filosofia, nos níveis de mestrado e doutorado, com uma "área de concentração" específica em filosofia medieval. O sucesso e proficuidade desta área de concentração estão bem visíveis nos volumes sobre filosofia medieval publicados na Coleção Filosofia da EDIPUCRS, que resultam de pesquisas, traduções e teses apresentadas naquela Universidade. Deve-se também aos cuidados do seu coordenador o fato de que há oito anos é publicado, especificamente sobre filosofia medieval, um volumoso fascículo da revista *Veritas* que, além de textos de pesquisadores conhecidos, acolhe trabalhos de nível dos estudantes do Programa de Pós-Graduação.

Há também a possibilidade de realização de pós-graduações em temas da filosofia medieval em diversas outras universidades portuguesas e brasileiras. Bastam-nos, porém, estes dois exemplos específicos de Porto Alegre e do Porto para percebermos como, a partir da realização de investigações por um grupo alargado de especialistas e da existência de um nível de ensino orientado para o aprofundamento científico dos problemas, resultam de imediato uma maior preparação e um maior crescimento do número de especialistas motivados e habilitados para a realização de pesquisas. Tais pesquisas se traduzirão, neste caso, na elaboração de traduções mais rigorosas, de estudos marcados por maior originalidade e mesmo na descoberta de textos até então inexplorados. A biblioteca de textos filosóficos medievais disponíveis em português, apesar de ainda continuar centrada nas obras dos "grandes autores", começa agora a ganhar a diversidade e a consistência que há muito se verificavam em outras línguas, as quais, por sua vez, tornarão mais fácil o ensino e a aprendizagem da filosofia medieval em nível de licenciatura. Um bom exemplo deste movimento é a Coleção

Filosofia da EDIPUCRS (Porto Alegre), na qual, nos últimos anos, foram publicadas mais de duas dezenas de estudos e traduções, alguns já com várias reedições.

3 Associações de medievistas e alguns projetos em curso

3.1 Associações

O aumento do número de investigadores tem suscitado a criação de instituições suprauniversitárias que reúnem, muitas vezes informalmente, os especialistas que se ocupam desta área de estudos. Deixaremos de lado os casos da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) e da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais (SPEM), uma vez que congregam todas as áreas dos estudos medievais, em especial a história e a literatura.

Convém desde logo destacar a Comissão de Filosofia Medieval do Brasil,² que foi criada em 1981 e, nos últimos vinte anos, desenvolveu um trabalho notável de promoção dos estudos de filosofia medieval no país, sem deixar de criar múltiplas oportunidades para a difusão desta no estrangeiro e mesmo para atrair renomados especialistas estrangeiros, a fim de apresentarem os seus trabalhos no Brasil. A partir disso, esta Comissão não só tem agregado, nas suas iniciativas, um número crescente de especialistas nacionais e estrangeiros, como tem diversificado e projetado internacionalmente os encontros que promove – e isso apesar de ter uma organização informal, quase exclusivamente assente no trabalho do respectivo presidente.³ A Comissão iniciou por organizar, em 1982, o Encontro Internacional de Filosofia Medieval, que decorreu na Universidade de Brasília. O sucesso daquele teria continuidade, de modo que tais Encontros não mais deixaram de se realizar em intervalos regulares, estando o VIII Encontro agendado para 2001. Ao mesmo tempo, foram sendo regularmente publicados números monográficos de revistas académicas em torno dos mais diversos aspectos da filosofia medieval, sempre com a preocupação de incluir trabalhos de pesquisadores estrangeiros.⁴ Esta orientação obteve os mais importantes resultados, não só pelo ganho de qualidade proporcionado aos Encontros, mas também por induzir o aparecimento de projetos de cooperação internacional. Assim, não foi motivo de espanto que o VII Encontro tenha sido realizado fora do Brasil, em San Antonio – Argentina (1999), sob o tema Homem e natureza no pensamento medieval, cujas Actas, mais uma vez, foram publicadas na revista *Veritas* de Porto Alegre (v. 44, n. 3, 1999, p. 497-870. Os textos não publicados nesse volume foram-no posteriormente, ocupando todo o primeiro número da revista *Nuevo Mundo* (2000), fundada pelos Freis Franciscanos de Buenos Aires). Este Congresso marcou também um ponto de virada na visibilidade internacional

² Cf. L. A. De Boni, "Apresentação", in: *Lógica e linguagem na Idade Média*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1994, p. 7-8.

³ Ocuparam este lugar, sucessivamente, José António de Camargo de Souza (1981-1990), Luis Alberto De Boni (1990-1998) e João Lupi (1998, atual presidente).

⁴ Cf. a lista em L. A. De Boni, "Apresentação", in: *Lógica e linguagem...*, op. cit., p. 7.

da medievística brasileira, contribuindo de forma definitiva para que o português seja também aceito como língua de trabalho em congressos internacionais da especialidade (como de fato acontecerá no XI Congrès International de Philosophie Médiévale de 2002, em que o português será, pela primeira vez, língua de trabalho).

Diversos outros grupos de investigação, em geral tratando de um tema ou associados a uma escola, foram criados nos últimos anos. É o caso, em especial, dos seguintes grupos de pesquisa:

- ❑ Gabinete de Filosofia Medieval da Universidade do Porto, que funciona paralelamente ao Mestrado da Faculdade de Letras da mesma Universidade. O Gabinete edita a revista *Mediaevalia*, textos e estudos, coopera no *Diplôme Européen d'Études Médiévales* e tem desenvolvido diversos projetos de investigação com financiamentos públicos. Estes projetos estão centrados na edição e no estudo de textos filosóficos medievais portugueses e na constituição de bases de dados eletrônicos para uso dos seus investigadores, tendo a previsão de que venham a ser, sob diversas formas, disponibilizados à comunidade científica.
- ❑ Grupo de Estudo da Filosofia em Árabe. Localizado no CEPAME, Universidade de São Paulo,⁶ coordenado por Miguel Attie Filho (mattief@uol.com.br). O CEPAME realizou o VII Colóquio de História da Filosofia Patrística e Medieval, em 30 de Novembro de 1999. O próximo boletim do CEPAME – conforme previsto, incluir as comunicações do colóquio.
- ❑ Grupo de Filosofia Medieval do Programa de Pós-Graduação de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica-RS (Porto Alegre), cujo site é <http://www.humanas.unisinos.br/docentes/alfredo>. Este Grupo, animado por L. A. De Boni, realiza regularmente os Encontros de Filosofia Medieval, nos quais participam os estudantes do Programa de Pós-Graduação, bem como outros convidados nacionais e estrangeiros, para apresentação das investigações mais recentes ou em curso.
- ❑ Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (Ramon Llull), cujo site é <http://www.geocities.com/Athens/Forum/5284/institut.html>. O Instituto é animado por Esteve Jaulent e está dinamizando um programa de pesquisa e tradução em torno da obra e da influência doutrinal e literária do pensador maiorquino, um dos pensadores mais prolíficos e originais dos sécs. XIII-XIV. O No site disponibilizado pelo Instituto na Internet podem ser encontrados

⁶ O Grupo realizou, em 1999, quatro seminários sobre o tema do intelecto: (1) 16 de março, por Natália Quiñonez, "O intelecto em Al-Farabi", tendo como texto-base um livro de E. Gilson (em francês) sobre o intelecto e o inteligível em Al-Farabi; (2) 14 de abril, por Miguel Attie Filho, "O intelecto em Ibn Sina", tendo como texto-base o *Livro da alma (Kitab al-Nafs)*; (3) 4 de maio, por Tadeu Mazzola Verza (UNICAMP), "O intelecto em Ibn-Rushd (Averróes)", tendo como texto-base a obra *La Psicología de Averroes – Comentario al Libro sobre el alma de Aristóteles* (trad. Gomez Nogaes, Madrid, Uned, 1987); (4) 25 de maio, por José Antônio Martins (USP), "O intelecto em Tomás de Aquino", tendo como texto-base o *Comentario ao De Anima de Aristóteles* (texto em inglês de Foster e Humeñries).

textos em latim e em português de Raimundo Lúlio e da tradição luliana, bem como bibliografias e outros instrumentos de pesquisa.

Deveriam ainda ser referidas diversas páginas pessoais relacionadas com a filosofia medieval. Por uma questão de brevidade, entretanto, sejam referidos apenas outros grupos de pesquisa, como o *PEM – Programa de Estudos Medievais*⁶ (Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais), criado em 1991 e que tem caráter interdisciplinar, possuindo diversas linhas de pesquisa e desenvolvendo projetos de pesquisa nas áreas de História Cultural, História Política e História Social. Ou ainda o *Núcleo Científico de Estudos Medievais*⁷ (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa), que desenvolve projetos nas áreas de história, literatura e artes medievais.

3.2 Congressos e colóquios

O dinamismo e a pujança das investigações que estamos a descrever podem bem ser aferidos pela referência breve a diversos colóquios recentes ou em organização. Eis alguns exemplos:

- ❑ Colóquio *CORPO E NATUREZA NO PENSAMENTO MEDIEVAL* (Porto, março de 2000), organizado pelo Gabinete de Filosofia Medieval.
- ❑ *SEMINÁRIO DE FILOSOFIA MEDIEVAL* (Pelotas, 29 a 31 de março de 2000), organizado por Manoel Vasconcelos e João Hobhuss da Universidade Federal de Pelotas.
- ❑ *II ENCONTRO DE ESTUDOS MEDIEVAIS – O NEOPLATONISMO* (Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 16 a 20 de outubro de 2000), organizado pelo Departamento de Filosofia de Natal. Informações: Oscar Federico Bauchwitz (oscar1@brhs.com.br).

Diga-se, ainda, que já estão em preparação dois grandes congressos:

- ❑ Colóquio de *ESTÉTICA MEDIEVAL* (Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 18 a 20 de outubro de 2001), integrado ao Festival de Música e Artes Medievais, organizado pelo Departamento de Filosofia. Informações: João Lupi (lupi@cfh.ufsc.br); telefone: (48)3319457; fax: (48)3319751).
- ❑ *VIII Encontro Internacional de Filosofia Medieval da Comissão Brasileira de Filosofia Medieval*, em 2001, entre 23 e 26 de outubro, em Recife.
- ❑ *XI Congrès International de Philosophie Médiévale*, Porto (Portugal), 25 a de 30 agosto de 2002, cujo tema será “intelecto e imaginação na filosofia medieval”. Línguas oficiais do Congresso: latim, inglês, francês, alemão, italiano, castelhano e português.

Um aspecto que não deve ser negligenciado nestas iniciativas é o espaço conferido quer a jovens investigadores, quer a investigadores provenientes de outros

⁶ <http://www.ifcs.ufrj.br/~pem/pem.htm>

⁷ <http://www.fcsh.unl.pt/hp/unidades/ncem/index.html>

países. Não se deve ignorar, além disso, que estes colóquios, habitualmente, dão origem a excelentes volumes de *Actas*, que se tornam instrumentos indispensáveis para a investigação em filosofia medieval.

3.3 Recursos eletrônicos *www*

Os medievistas não deixam de utilizar os novos recursos de difusão *multime-diática*. São já diversos os *sites* que fornecem informação e disponibilizam textos, tanto em latim quanto traduções. Alguns exemplos:

- ❑ A constituição de uma *Rede Latino-americana de Filosofia Medieval* teve origem no colóquio realizado em 1999, em San Antonio, Buenos Aires (Argentina). Esta Rede já tem disponível a sua página, animada por Celi-na Lértora, mas aguarda ainda a oportunidade para começar a difundir diversos tipos de informação e recursos.⁸
- ❑ O Gabinete de Filosofia Medieval possui um *site* centrado nas suas atividades de investigação e divulgação, no qual está previsto também um espaço para a difusão “on-line” de dados textuais e bibliográficos, a ser constituído dentro do âmbito de projetos de investigação financiados por institutos governamentais.
- ❑ Esteve Jaulent anima, na *Internet*, a página do *Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (Ramon Llull)*, onde são disponibilizados textos em latim e em português de Raimundo Lúlio e da tradição luliana.⁹
- ❑ Luiz Jean Lauand da Universidade de São Paulo (Departamento de Filosofia da Faculdade de Educação) anima a edição uma séria de revistas, em grande parte centradas em temas de filosofia medieval e que, além da edição impressa, estão integralmente disponíveis na *Internet*, no endereço www.hottopos.com/revistas.htm. Eis algumas das revistas:

Collatio 1, 2, 3, 4, 5.

Convenit Internacional 1, 2, 3, 4.

Mirandum 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10.

Notandum 1, 2, 3, 4, 5, 6.

Estas revistas contam com ampla colaboração internacional, e uma delas, a revista *Convenit*, é co-editada por um conjunto de 12 instituições de diversos países, ligadas predominantemente ao estudo da filosofia medieval.

3.4 Coleções de obras, traduções e revistas

O mais consistente projeto de edição sistemática de obras de autores medievais é a *Coleção Pensamento Franciscano*, um projeto do Instituto Franciscano de Antropologia da Universidade São Francisco de Bragança Paulista e da área de Filosofia Medieval da PUCRS, editado em conjunto com a EDIPUCRS de Porto

⁸ <http://www.clacso.edu.ar/~fepai/filosofiamed.htm>

⁹ <http://www.geocities.com/Athens/Forum/5284/estev.html>

Alegre. Esta série, coordenada por um conselho que reúne membros de diversas instituições brasileiras e internacionais, não tem paralelo em outras línguas, porquanto projeta publicar algumas dezenas de volumes de autores franciscanos medievais, predominantemente das áreas de filosofia e teologia. Os cinco primeiros volumes estão editados: um de Boaventura, dois de Ockham, um de Raimundo Lúlio e um de Duns Escoto (este no prelo).

No domínio das traduções, assinale-se a edição, já neste ano, da primeira grande coletânea de textos filosóficos medievais traduzidos para o português, isto é, Luis Alberto De Boni, *Filosofia Medieval – Textos* (Porto Alegre, 2000, 420 p.), que se tornará um instrumento de trabalho indispensável para os estudantes.

Diversas revistas publicam esporadicamente estudos sobre filosofia medieval:

- ❑ Luiz Jean Lauand da Universidade de São Paulo (Departamento de Filosofia – *Veritas*, de Porto Alegre, que dedica o fascículo do mês de setembro à filosofia medieval, com contribuições de pesquisadores de diversos países.
- ❑ *Mediaevalia, textos e estudos*, do Porto, que publica dois fascículos anuais com edições bilíngües ou com estudos de autores de diversos países.
- ❑ A recente obra coletiva *História do pensamento filosófico português I – Idade Média* (dir. Pedro Calafate, Lisboa, 1999) oferece um modelo que poderia ser estendido a outros temas, de modo igualmente inovador.

4 O futuro dos estudos de filosofia medieval no espaço da língua portuguesa

A partir do que foi exposto, podemos concluir que há uma mudança qualitativa no trabalho realizado pelos medievistas. Se outrora as investigações em torno da filosofia medieval eram desenvolvidas de modo isolado pelos seus realizadores, hoje elas constituem ou integram-se em programas de pesquisas que só podem ser feitos em equipe e através de grandes meios financeiros, bibliográficos, de equipamento e de divulgação. No espaço de cada um dos países de língua portuguesa, há, apesar de todos os esforços, ainda uma reduzida comunidade de especialistas. Por isso mesmo, é desejável que essas equipes reúnam participantes de diversos países. Finalmente, a existência de necessidades e interesses comuns pode funcionar como um estímulo para o desenvolvimento de projetos comuns.

5 Desiderata

É claro que as grandes áreas de atividade que a seguir se delineiam, e cuja concretização se considera desejável, deverão acolher e receber a contribuição de todos os interessados, e não apenas de medievistas oriundos de Portugal e do Brasil. Esperamos que não esteja longe o momento em que a estes últimos se juntarão investigadores de outros países de língua portuguesa.

5.1 Acesso a fontes e meios bibliográficos

As bibliotecas universitárias portuguesas e brasileiras, ligadas a centros onde se investiga a filosofia medieval, são muito deficitárias no que diz respeito às obras de referência, às grandes edições de textos, às revistas e aos estudos mais recentes. Todos temos a experiência, em qualquer ramo do saber, de que não é possível realizar uma pesquisa aprofundada e séria sem estes recursos. A minguagem de meios poderia ser pelo menos suprida com a constituição de uma rede de informação e permutas bibliográficas que respondesse aos pedidos dos investigadores. Por outro lado, a existência de bibliotecas bem equipadas seria um primeiro passo para o intercâmbio de estudantes e investigadores e poderia ser o embrião que justificaria a criação de instituições que integrassem permanentemente investigadores em filosofia medieval. Neste campo ainda está quase tudo por fazer, e uma rede de cooperação e de informação no espaço de língua portuguesa poderia ser um primeiro passo para desbloquear os impasses atuais no apoio oficial à investigação em filosofia medieval.

5.2 Traduções textos medievais para o português

A língua portuguesa constitui um instrumento comum de trabalho que deve ser potencializado. A realização de traduções e de outros materiais didáticos seria o setor que mais poderia beneficiar a pesquisa em filosofia medieval em língua portuguesa. Deveria contar, para tanto, com uma sintonia mínima, a fim de evitar a duplicação de projetos, acelerar a tradução sistemática de textos cuja necessidade é mais premente ao nível do ensino e poder, ainda, estabelecer métodos de trabalho uniformes. Neste aspecto, a experiência brasileira, muito mais produtiva e ampla que a portuguesa, poderia ser aproveitada e alargada.

5.3 Estudos em português sobre autores e temas do pensamento medieval

O estado da investigação científica numa determinada área pode ser aferido pela quantidade e qualidade das investigações originais que aí se publicam. As teses de mestrado e doutorado em filosofia medieval constituem um rico manancial recente e em crescimento, mas faz-se sentir a inexistência de outras obras mais gerais, como, por exemplo, obras de tipo manualístico. Os muitos volumes de colóquios temáticos, apesar de constituírem uma enorme contribuição, não cobrem as necessidades didáticas com as quais nos confrontamos. Seria possível e desejável a edição de volumes em português – que seriam especialmente interessantes se realizados com cooperação multinacional – sobre os mais importantes autores medievais, bem como sobre áreas de estudos de grande atualidade, tais como a lógica, a epistemologia, a filosofia da mente e a filosofia política.

Talvez não fosse tão difícil encontrar um editor que reunisse numa coleção a publicação de estudos realizados por pesquisadores de países de língua portuguesa, de onde resultariam inequívocos ganhos de difusão e influência.

5.4 Edição crítica de textos inéditos

Há um importante acervo de textos inéditos ou pouco conhecidos de autores medievais que merecem ser trazidos à luz do dia. Alguns desses manuscritos pertencem a bibliotecas portuguesas ou brasileiras, e é, por isso, uma obrigação das respectivas comunidades de medievistas editá-los. Há que se editar (e mesmo se estudar), por exemplo, centenas de manuscritos filosóficos dos séculos XIV-XVII de grande interesse para o conhecimento das práticas políticas e das ideologias científicas de então e que exerceram influência nos modos de colonização e missionação. (Diga-se, de passagem, que o apelo ao estudo de autores portugueses medievais não se deve a qualquer forma de orgulho nacionalista, mas sim ao fato de que é difícil que alguém ou algum instituto de outras áreas linguísticas se disponha a fazê-lo de modo sistemático).

Um exemplo da importância destas edições nos é dado pela recente edição da obra de André do Prado (séc. XIV), *Horologium fidei*, diálogo com o infante D. Henrique (Lisboa, 1994), de denso conteúdo teológico e que permite deslindar mais um pouco da influência dos autores medievais na cultura e ideologias da época dos descobrimentos.

Há de fato um importante acervo de textos de filosofia, sobretudo dos sécs. XIV-XVII, que têm uma relação direta com a colonização portuguesa. Para este propósito, o trabalho pioneiro mas infelizmente ainda sem continuidade de Domingos Maurício, sobre *A Universidade de Évora e a escravatura* (1978), mostra a importância dos cursos de filosofia ali ministrados dentro da tradição escolástica (até 1759). A edição e o estudo de textos relacionados trariam nova luz sobre este aspecto da história cultural e social de Portugal e dos países a que deu origem.

Também as intensas polémicas religiosas antijudaica e antiárabe em Portugal, no final da Idade Média, cuja literatura permanece em grande parte inédita, são fulcrais para compreender a ideologia de missionação e os modelos de administração que os portugueses imporiam nos territórios de que se apossaram.

5.5 Estudo da influência das fontes portuguesas medievais e renascentistas

O conhecimento das fontes medievais é indispensável para compreender a primeira literatura filosófica escrita em português, como o *Leal Conselheiro* de D. Duarte ou o *Livro da Virtuosa Benfeitoria* de frei João Verba e infante D. Pedro.

Mas, permanece também ainda mal estudada a influência e a presença das fontes medievais na cultura política e religiosa difundida pela colonização. É sabido como a colonização e a missionação foram pregadas e empreendidas seguindo o modelo do grande desastre político, militar e cultural da Idade Média que foram as Cruzadas. E convém ter presente que os críticos da guerra justa, da escravatura ou da posse territorial também colhem os seus argumentos em autores medievais. Quase tudo está por ser estudado quanto à influência dos teólogos, dos polemistas e dos filósofos medievais sobre os dois lados da contenda. Nesta ótica conviria

estudar, por exemplo, o profetismo milenarista do Padre Antônio Vieira, que busca claramente a sua fundamentação teórica em autores patrísticos e medievais.¹⁰ E também os censores e os carcereiros do Padre Antônio Vieira colhem argumentos em autores do período medieval. Estes exemplos servem, simultaneamente, para compreender a pluralidade e a complexidade do pensamento medieval, que não pode ser encerrado em fórmulas que o ridicularizam ou que negam a sua importância.

6 Conclusão

Estes projetos, de uma maneira ou de outra, terão sempre oportunidade para se concretizarem. Tentar levá-los a cabo em regime de cooperação, por exemplo no espaço dos países de língua portuguesa, permitiria realizá-los em prazos mais razoáveis. Isso, de qualquer modo, também deverá ser feito integrando investigadores e consultores de centros de estudos de outros países e de outras tradições culturais e teóricas. Quer-se evitar, deste modo, o isolamento da investigação, o que seria sempre pernicioso, sobretudo nesta área em que o trabalho científico deve decorrer com um mínimo de constrangimentos ideológicos ou de escola.

¹⁰ Cf. a *Clavis prophetarum*, breve em edição.